

# A Conduta Militar Holandesa no Brasil

Marcos da Cunha e Souza

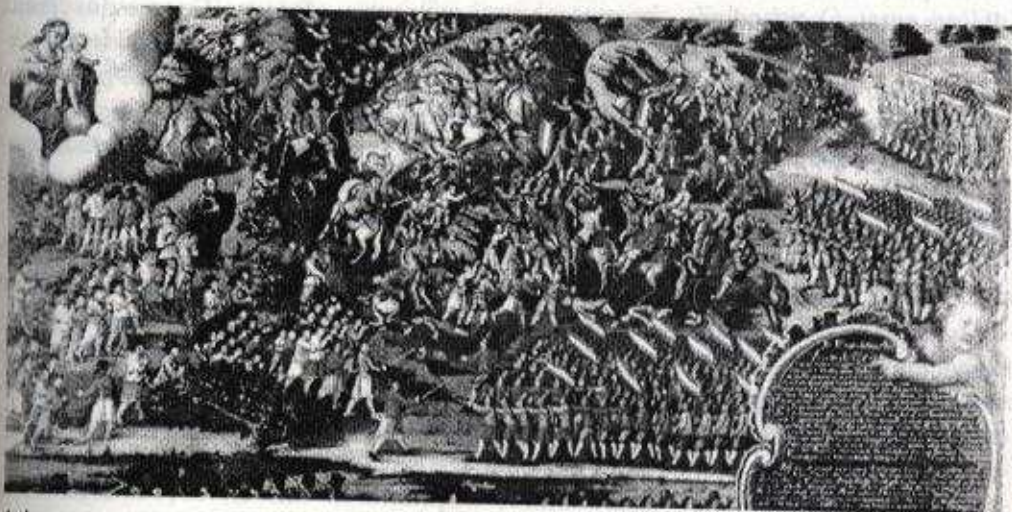
Ensaio sobre a abortada tentativa de colonização holandesa no Brasil, no século XVII.

**Q**uando os holandeses aqui desembarcaram, na primeira metade do século XVII, depararam-se com a resistên-

cia espontânea de nossos ancestrais. Os heróis brasileiros desse longo conflito ainda não foram suficientemente homenageados pela nação que ajudaram a fundar. Para melhor compreendermos a intensidade do sacrifício

desses homens, julgamos que seria importante trazer a lume a visão do nosso adversário. Mais do que os feitos militares, interessa-nos demonstrar o método empregado. Da análise dos relatos disponíveis, muitos

\* Bacharel em Direito. Estudioso da História.



As forças pernambucanas expulsam os holandeses na Batalha de Guararapes, 1648.

escritos pelos próprios holandeses, pode-se traçar uma idéia do raciocínio estratégico que norteou as operações militares do invasor. Mas, para tanto, é preciso observar, também, a conjuntura internacional e a motivação econômica, elementos que, freqüentemente, subordinaram a conduta militar.

No início daquele século, a Holanda atravessava um lento e dramático processo de independência. Sua metrópole era a da Espanha, cuja política desastrosa conseguira provocar a revolta das diversas províncias que então formavam os Países Baixos. Em 1609, após quarenta anos de combates, a Espanha e os rebeldes assinaram uma trégua de 12 anos que dividiu os Países Baixos entre os contendores. Ao sul, o "País Baixo Espanhol"<sup>1</sup> e ao norte, sob controle rebelde, as "Províncias Unidas" que, genericamente, denominamos "Holanda".

Foi ao longo dessa guerra que os holandeses desenvolveram seu sistema tático, especialmente para combater os pesados terços espanhóis. Para contrabalançar

os maciços quadrados destes, os rebeldes holandeses criaram um sistema de linhas pouco profundas, mas com maior mobilidade e menor vulnerabilidade à Artilharia. Desenvolveram um manual, copiado por toda parte, que ensinava o método mais eficaz de manuseio dos armamentos. Não satisfeitos, coordenaram o emprego de mosqueteiros e piqueiros, de forma a aumentar a cadência de tiro. Esse sistema serviu de modelo para o grande Gustavo Adolfo, da Suécia, que o melhorou e o utilizou com sucesso contra as tropas do imperador, no curso da Guerra dos Trinta Anos. No entanto, o sistema tático dos holandeses era de difícil aplicação para o tipo de guerra que aqui se travaria.

No curso da trégua entre a Espanha e as "Províncias Unidas", um incidente violento, ocorrido em 1618 na remota Boêmia, desencadeou uma grave crise, que logo se espalhou pela Europa. Era o início da Guerra dos Trinta Anos. Espanha e Holanda logo se viram obrigadas a intervir no conflito. A primeira mandou tropas para defender o imperador germânico, enquanto as "Províncias Unidas" agiam

diplomaticamente na tentativa de criar um bloco capaz de anular a ameaça dos Habsburgos. Mas, embora em campos opostos, os dois países mantiveram o acordo firmado.

As tentativas espanholas para renovar a trégua não deram resultado e, em 1621, reiniciaram-se as hostilidades. A Holanda era então o maior centro financeiro da Europa e encontrara, na sua luta contra a Espanha, uma fonte de lucro à custa do vasto império colonial de seu adversário. Em 1602, criara a Companhia das Índias Orientais que, em poucos anos, obteve resultados extraordinários com o comércio asiático. Agora, com o fim da trégua na Europa e o envolvimento dos dois países na Guerra dos Trinta Anos, os holandeses lançaram seus olhares para os territórios espanhóis na América. Dentre eles destacava-se a grande colônia portuguesa, o Brasil.

Portugal estava ligado à Espanha desde 1580. Eram reinos distintos mas governados por um mesmo soberano. Essa união pessoal fazia com que Portugal e suas colônias sofressem, diretamente, todos os desastres da política externa espanhola.

<sup>1</sup> Atualmente, Bélgica e Luxemburgo.

Em junho de 1621, o governo das Províncias Unidas concedeu autorização para a organização da Companhia das Índias Ocidentais, que já nasceu com o direito exclusivo de comerciar em quase toda a África e a América e, com poderes tais, que conferiam à empresa uma quase soberania sobre as terras onde se estabelecesse. Ela pôde contar com vultosos investimentos estatais, que incluíam o fornecimento de navios de guerra. A direção foi entregue ao "Conselho dos Dezenove", formado por representantes das províncias e dos "Estados Gerais", como era denominada a assembléia que dirigia a República.

O Brasil, após uma série de estudos, foi confirmado como o principal alvo da Companhia. A colônia era então produtora de muitas riquezas, tais como açúcar, fumo, pau-brasil e algodão. Além disso, não esperavam que a Espanha fornecesse grande auxílio a essa colônia, em vista de todos os problemas que a guerra europeia já lhe causava.

Assim, atrevo-me a dizer que, além da evidente motivação econômica, o ataque ao Brasil foi, a princípio, um desdobramento da Guerra

dos Trinta Anos.

Em 1624, após a aprovação do projeto pelos "Estados Gerais", partia na direção do Brasil a primeira expedição da companhia. A esquadra holandesa, comandada pelo almirante *Willekens*, era composta por 38 embarcações, tripuladas por 1.600 marinheiros, além de 1.700 homens da tropa de desembarque. O comandante das forças terrestres e futuro governador dos territórios conquistados era o batavo *Johan Van Dorth*.

As velas holandesas alcançaram a Bahia de Todos os Santos no dia 8 de maio de 1624 e, em dois dias de combate, lograram capturar seu porto. Os navios portugueses que ali estavam foram capturados ou incendiados. Em seguida, temendo um contra-ataque português, trataram de fortificar a cidade com fossos e parapeitos e distribuíram da melhor forma a sua artilharia. A tudo isso acrescentaram uma barreira de água, produto do dique construído diante do convento de São Francisco e defendido por uma bateria.

No entanto, essa primeira invasão não foi bem sucedida. Recobrados do pânico inicial, os habitantes da Bahia organizaram uma mi-

lícia dividida em "companhias de emboscada" e, com ela, puseram rigoroso bloqueio por terra à cidade. Seguiram-se escaramuças e ciladas montadas pelos brasileiros. Em uma delas, a 17 de junho, *Van Dorth* morreu degolado. Seu sucessor teve a mesma sorte pouco tempo depois.

A notícia da captura de Salvador causou assombro em Lisboa e Madri. Uma poderosa esquadra foi formada com elementos não só de Portugal mas, também, da Espanha e suas possessões italianas. Essa força alcançou a cidade em 22 de março de 1625. Eram 59 navios de guerra, além dos transportes. Desembarcadas as tropas, os sitiados logo ocuparam as alturas ao redor de Salvador. O cerco prolongou-se pelo mês de abril, enquanto os holandeses aguardavam, em vão, reforços prometidos. Sem comando e desamparados, entregaram a cidade, no dia 30 de abril.

Em março de 1627 nova frota holandesa surgiu diante de Salvador, comandada por *Pieter Heyn*, veterano da primeira invasão. Esse valente almirante atacou nossos navios no porto, conseguindo aprisionar grandes

carregamentos de açúcar. Ali permaneceu ancorado por 24 dias sem atacar a cidade. Depois, tomou o rumo de Cabo Frio, para então retornar à Bahia em junho. Capturou outras embarcações e, em julho, retomou o caminho da Europa. O sucesso espetacular dessa incursão encheu de otimismo a Companhia.

No ano seguinte *Pieter Heyn* foi ainda mais feliz, ao conseguir capturar a "frota da prata" que levava, para a Espanha, as riquezas do novo mundo. Com o dinheiro obtido, a Companhia das Índias Ocidentais logrou preparar a segunda invasão do Brasil.

Dessa vez o ataque foi planejado contra Pernambuco, a mais rica das capitâneas brasileiras, uma vez que a Bahia ainda se recuperava dos danos sofridos durante a primeira invasão. Os diretores da companhia esperavam que, uma vez garantido o controle de Olinda e seu porto, os habitantes da província logo se veriam obrigados a tratar com os holandeses para escoar a produção e receber produtos europeus.

Em 15 de fevereiro de 1630, uma esquadra holandesa de 56 navios surgiu

diante de Olinda. Transportava não só soldados e marinheiros, mas também operários, técnicos, engenheiros, agentes comerciais e funcionários administrativos. As forças terrestres eram comandadas pelo coronel, e futuro governador, *van Waerdenburch*, que planejou desembarcar em dois pontos ao mesmo tempo. O ataque frontal contra o porto não teve sucesso. O outro, ao norte de Olinda, foi coroado de tanto êxito que, no dia seguinte, a cidade foi tomada.

Mais difícil foi a captura de Recife, então pequeno povoado de pouco mais de duzentas casas, na ponta de um longo e estreito istmo paralelo ao litoral e protegido por dois fortes: o da Barra e o de São Jorge. Enquanto Recife resistia, os holandeses em Olinda tomavam precauções que lembram a primeira expedição. Temendo uma reação dos habitantes e das forças de *Matias de Albuquerque*, trataram de fortificar a parte alta da cidade, especialmente o convento dos jesuítas.

Após um ataque mal sucedido ao forte de São Jorge, no dia 19, iniciaram os invasores metucioso trabalho de sítio que levou à ren-

dição da praça no dia 2 de março. Com ela caiu o Recife. De acordo com o relatório do governador *Waerdenburch*, as baixas holandesas até esse momento alcançaram a cifra de 550 mortos e 896 doentes e feridos, ficando os batavos com apenas 2.000 homens válidos.

*Matias de Albuquerque*, comandando a resistência em Pernambuco, tratou de organizar as famosas companhias de emboscada e, em ponto próximo a Olinda e Recife, fundou o posto fortificado do Arraial do Bom Jesus.

Mais uma vez o invasor não perdeu tempo em garantir a conquista, e seus engenheiros iniciaram os trabalhos de fortificação e mapeamento da cidade. No dia seguinte, ocuparam uma grande ilha vizinha,<sup>2</sup> e fortificaram o convento ali existente. O governador *Waerdenburch* levou meses para concluir as defesas de Recife e Olinda. O forte de São Jorge foi recuperado e ainda terminaram a construção de outro que fora iniciado pelos portugueses e que ganhou o nome de *Bruyn*. Pa-

<sup>2</sup> Ilha de Santo Antônio, também chamada de Antônio Vaz.

liçadas, redutos e trincheiras foram surgindo graças a um trabalho intenso, que ocupou toda a tropa. Mas, em alguns casos, as obras foram logo danificadas pela chuva e pelas violentas marés. Isto tudo foi realizado, malgrado a escassez de material e sob forte calor. Muito foi feito das vigas, telhas e pedras tiradas das casas de Olinda.

O principal objetivo da Companhia era a manutenção de Olinda. No entanto, logo percebeu-se que essa praça era indefensável, por haver, nos arredores, "grande número de elevações que se dominam umas às outras". Seria necessário para

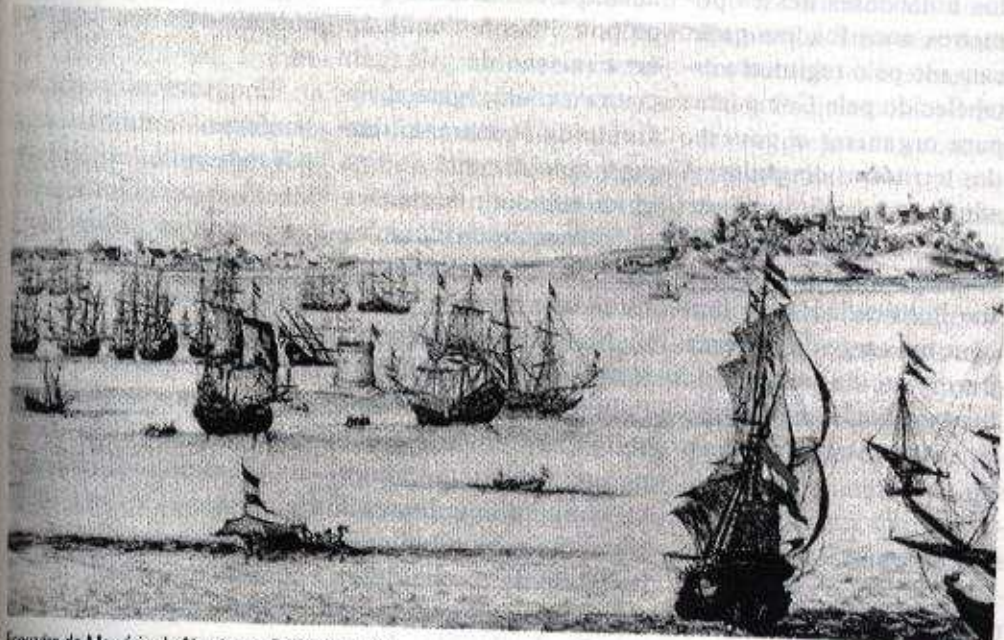
tanto um grande efetivo, além de dispendiosas fortificações.

Além disso, os holandeses se viram sitiados pelas emboscadas de Albuquerque, e eram obrigados a arriscar o pescoço para catar frutas e lenha nas redondezas. Assim ficavam na dependência de alimentos provenientes das "Províncias Unidas". A falta de comida saudável deu origem a um terrível surto de escorbuto. A guarnição do Recife por sua vez sofria também com a falta de boa água.

As tropas viviam sob constante tensão, pois os pernambucanos nunca dei-

xaram de fustigar o invasor. Com tropas suficientes apenas para manter a conquista, os batavos perderam toda a iniciativa.

Grças à chegada de algum reforço, as forças holandesas alcançaram, em fins de 1630, uns 3.500 homens. Bastante pressionado pela Companhia e pelos burocratas instalados em Olinda, o governador resolveu "executar um certo feito de guerra". Seu ataque partiu na direção da ilha de Itamaracá, a poucos quilômetros de Ólinda. Sem conseguir desalojar os brasileiros, construíram, numa restinga quase ilhada, um



Esquadra de Maurício de Nassau no Porto de Recife.

forte a que deram o nome de Orange.

Ainda sem efetivos suficientes, e sempre pressionados, decidiram encurtar o perímetro de defesa. A solução encontrada foi a de incendiar e abandonar a cidade de Olinda<sup>3</sup>. Depois, com alguma tropa que conseguiram reunir tentaram, sem sucesso, a captura da Paraíba<sup>4</sup> e do estratégico Cabo de Santo Agostinho, cujo porto era de grande valia para os nossos. Assim, dois anos depois da chegada dos holandeses, tudo o que tinham conquistado era Recife e o forte Orange.

O embaraço sofrido pelos holandeses nesses primeiros anos foi, em parte, causado pelo regimento estabelecido pela Companhia para organizar o governo dos territórios ocupados. A administração ficava a cargo de um órgão colegiado conhecido como o "Conselho Político". Havia, também, um cargo de Governador, exercido pelo militar mais graduado, mas sem poder administrativo. E o co-

mando militar, por sua vez, era limitado pelo Conselho Político que, entre outras coisas, nomeava os oficiais do exército. Para piorar a situação, as lacunas desse regimento só podiam ser supridas pelo "Conselho dos Dezenove", sediado na Holanda. Essas disposições causaram diversos conflitos entre os poderes civil e militar.

A reviravolta holandesa coincide com a traição do brasileiro Domingos Calabar. Conhecedor da região, serviu de guia nas operações militares holandesas e teve papel decisivo nas vitórias que se seguiram. Sua primeira ação foi levar 500 holandeses comandados pelo próprio *Waerdenburch* em uma missão de pilhagem contra a vila de Igaráçu, defronte de Itamaracá.<sup>5</sup> Depois, pelo restante do ano, guiou uma série de ataques-relâmpago destinados a fustigar os nossos e a destruir fazendas e bens.

No fim do ano, chegaram muitos reforços da Europa (talvez três mil) e dois emissários da Companhia com poderes para dar novo ímpeto às operações. Esse fato coincidiu com o pedido de demissão do coronel *Waerdenburch*, substituído por *van Rembach*.

A superioridade naval dos invasores garantiu-lhes a mobilidade necessária para, ao longo de 1633, efetuarem uma série de ataques contra o litoral brasileiro. Os luso-brasileiros, espalhados por toda a costa e tendo de locomover-se a pé, tiveram dificuldade para concentrar forças nos pontos visados pelo inimigo. Em fevereiro de 1633, os holandeses atacaram e ocuparam o forte de Rio Formoso, a cerca de 70 km ao sul do Recife. Conseguiram, ainda, saquear Alagoas e, voltando para o norte, capturaram o forte dos Reis Magos. O coronel *van Schkoppe*, mercenário de origem alemã, terminou a conquista da ilha de Itamaracá.

Enquanto as tropas holandesas desembarcavam por toda parte, as forças do Recife não deram repouso ao Arraial do Bom Jesus. Até março de 1634, foram três ataques contra o Arraial, todos repelidos. No primeiro,<sup>6</sup> o governador *van Rembach* saiu mortalmente ferido. No segundo ataque, os brasileiros conseguiram emboscar a artilharia holandesa<sup>7</sup> e assim obrigar o recuo dos invasores.

Por essa época, os batelões começaram a lançar ape-

<sup>3</sup> Novembro de 1631.

<sup>4</sup> Derrota de Cabedelo.

<sup>5</sup> 30 de abril de 1632.

<sup>6</sup> 21 de março de 1633.

<sup>7</sup> Perda de 11 canhões.

los na direção dos Índios, conseguindo alguma adesão. O mais famoso de seus aliados foi o chefe *Janduí*, do Rio Grande do Norte. Com o passar dos anos, o elemento índio responderá por grande parte dos efetivos holandeses. Pilhando e matando a população local, tornaram-se uma fonte de grande inquietação para a colônia. Mais tarde também trariam problemas para os próprios holandeses.

Os holandeses receberam novos reforços em outubro de 1634. Com eles, retornou ao Brasil o mercenário polonês *Christoff Arciszewsky*, antigo comandante do forte Orange e promovido recentemente ao posto de coronel. Era homem de grande experiência. Lutara junto às forças polonesas que enfrentaram Gustavo Adolfo e, posteriormente, estudou engenharia militar em uma universidade holandesa, tendo participado de dois cercos famosos, o de *Breda* e o de *La Rochelle*.

No dia 25 de novembro, *Schkoppe* e *Arciszewsky* partiram para a conquista da capital da Paraíba, então muito bem protegida. Os fortes Cabedelo e Santo Antônio guardavam as duas

margens da barra do rio Paraíba. Numa restinga entre os ditos fortes e cruzando fogo com eles, os defensores colocaram uma bateria de sete peças. No entanto, após bem sucedida operação anfíbia, que possibilitou a constituição de uma cabeça de praia ao sul do forte Cabedelo, as defesas da Paraíba foram sucessivamente capturadas em poucos dias, obrigando os defensores a abandonar a cidade.

Nota-se que até aquele momento, os holandeses se limitaram a conquistar os principais centros urbanos do litoral entre Natal e o rio Formoso. Para tanto, repito, tiraram o máximo proveito da superioridade naval, que lhes proporcionou a mobilidade necessária para atacar os diferentes pontos da costa brasileira. No entanto, os campos e o interior permaneceram sob controle dos luso-brasileiros e, mesmo Recife, mantinha-se sob constante pressão do Arraial. Economicamente, isso não trazia grande vantagem aos holandeses. Assim, após a conquista da Paraíba, buscaram conquistar o apoio da população, oferecendo proteção em troca dos mesmos tributos antes pagos a Portugal. Além disso, realiza-

ram esforços no sentido de ocupar todos os territórios entre a Paraíba e o Recife, missão realizada com sucesso por um destacamento sob o comando do coronel *Arciszewsky*.

Neste passo, Matias de Albuquerque se viu obrigado a reduzir toda sua defesa a apenas quatro pontos do teatro-de-operações, a saber: porto de Serinhaém; forte de Nazaré, no Cabo de Santo Agostinho; Arraial do Bom Jesus, que em dezembro resistira a mais dois ataques, e o povoado de Porto Calvo, no caminho da Bahia.

Porto Calvo, defendido por um punhado de italianos sob o comando do conde *Bagnuolo*, caiu nas mãos dos holandeses em março de 1635. Enquanto isso, *Arciszewsky* preparava a conquista do Arraial.

A conquista do Arraial do Bom Jesus pelo coronel *Arciszewsky* demorou quase três meses e seria matéria a merecer um demorado estudo, tanto pela bravura de seus defensores quanto pela perícia do comandante polonês. A primeira coisa que fez foi garantir o isolamento da praça e a segurança de sua própria linha de comunicação. Depois ocupou um outeiro de onde planejou

bombardear o Arraial. Para se defender das freqüentes surtidas dos sitiados, foram construídos fortins e trincheiras. Há registro inclusive da utilização de gás de enxofre por parte dos holandeses, como forma de perturbar os defensores. Reduzida pela fome, a guarnição, rendeu-se, no dia 8 de julho de 1635. Além dos escravos e civis, entregaram-se 547 combatentes, dentre os quais destacava-se o bravo comandante negro Henrique Dias.

Nesse mesmo mês de julho, após demorado cerco, cafa nas mãos de *Schkoppe* a fortaleza de Nazaré, no Cabo de São Agostinho. Toda a várzea do Pernambuco estava agora em mãos dos batavos. Matias de Albuquerque, com os destroços de suas forças e seguido por milhares de civis,<sup>8</sup> empreendeu famoso êxodo rumo ao sul. Em seu caminho recapturou Porto Calvo e fez enforcar o infame Calabar. No encaço dos luso-brasileiros veio *Arciszewsky* com cerca de 2.000 homens. Este retomou Porto Calvo e continuou para o sul até Peripueira, onde se entrincheirou e fechou o caminho costeiro entre a Bahia e Pernambuco.

<sup>8</sup> Cerca de 7.000.

Embora vitoriosas, as tropas holandesas estavam exaustas. O relatório enviado por *Arciszewsky* ao "Conselho dos Dezenove" descreve homens maltrapilhos, doentes e descontentes. Esse descontentamento era mais do que natural. A grande maioria dos soldados consistia de mercenários das mais diversas origens (alemães, franceses, ingleses...) em busca de enriquecimento. Pierre Moreau, que aqui esteve durante a guerra, conta-nos que os alistadores abordavam esses rapazes indicando o Brasil como um paraíso onde "os holandeses tinham predomínio sobre os portugueses e se enriqueciam com os seus bens, que estavam entregues ao saque". Ora, como vimos, o que encontraram foi uma guerra dura, pelejada dia-a-dia, ano após ano e sem fim. Pois mal conquistaram Pernambuco e já surgiam no horizonte navios de Espanha e Portugal, prontos a desembarcar nova leva de homens, comandada pelo espanhol *D. Luís de Rojas y Borja*.

Rojas desembarcou em Alagoas e, desejando capturar Porto Calvo, empreendeu uma marcha pelo interior a fim de desbordar o bloqueio de *Arciszewsky* em Peripuei-

ra. O comandante espanhol dispunha de 1.400 homens, fora os índios. *Schkoppe*, que então ocupava Porto Calvo, imediatamente abandonou a praça e fugiu na direção do Recife. *Arciszewsky*, tomando ciência da manobra de Rojas, correu para Porto Calvo esperando se reunir a *Schkoppe* que, no entanto, já havia partido.

Rojas foi o primeiro a alcançar a vila. Julgando que *Arciszewsky* ainda estava entrincheirado em Peripueira, deixou 500 dos seus em Porto Calvo e marchou com o restante para o sul, pensando pegar *Arciszewsky* pela retaguarda. Incorreu, porém, em ledô engano. No dia 18 de janeiro de 1636, Rojas, em inferioridade numérica, encontrou a morte na Batalha da Mata Redonda. Após essa batalha o comando espanhol foi entregue ao conde Bagnuolo, dado que Matias de Albuquerque voltara a Portugal.

Mesmo depois da Mata Redonda, os holandeses continuaram ameaçados por uma série de incursões audaciosas dos brasileiros, cuja origem geralmente era Porto Calvo, e que causaram grande dano por toda parte. Uma dessas pequenas colunas só foi batida a cinco léguas do Recife.



fe. Outra chegou à Paraíba, onde destruiu engenhos e roças e matou um membro do Conselho Político.

Enfim, conscientes da confusão causada pela falta de unidade de governo, resolveram os holandeses mandar ao Brasil um homem com poderes para consolidar a conquista. O escolhido foi o príncipe João Maurício de Nassau, neto do grande Guilherme, o Taciturno, e veterano da guerra dos Trinta Anos. Chegou em Recife aos 23 de janeiro de 1637 e logo partiu para a conquista de Porto Calvo. Bagnuolo, que defendia a praça, abandonou parte dos seus e fugiu para o sul.<sup>9</sup> O forte que dominava a vila rendeu-se no dia 6 de março, tendo os espanhóis perdido 22 canhões. Depois disso, Nassau seguiu para o sul até a margem do São Francisco, onde chegou a 27 de março, terminando assim a campanha. *Arciszewsky*, em atritos com o príncipe, foi mandado de volta a Holanda.

Seguro de sua conquista, Nassau entregou-se às questões administrativas e ao melhoramento das fortificações. Enquanto esteve no

Brasil, o príncipe deu especial atenção à cidade do Recife, agora estendida à ilha de Antônio Vaz. A cidade, como um todo, passou a contar com um caprichado sistema de fortes, sem contar os vários baluartes de terra com paliçadas e fossos. As defesas da Paraíba, danificadas à época da conquista, também foram objeto das atenções do príncipe, assim como a vila de Porto Calvo. O passo seguinte dos holandeses foi a fácil captura do Ceará. Nos mares, onde eram superiores, atacavam os navios mercantes além de pilhar vários pontos da costa baiana.

Em abril de 1638, tentou Nassau a captura da Bahia. O Brasil Holandês de então contava com 3.400 soldados holandeses e cerca de 1.000 índios. Com vistas a enviar a grande maioria desses homens à conquista de Salvador, Maurício mobilizou milícias civis para a defesa do território. Em Recife, foram quatro companhias de 130 homens, reforçadas por apenas uma companhia de tropas regulares. Mas, apesar de todo este esforço, o ataque à Bahia foi mal sucedido e, após mês e meio de combates, o príncipe embarcou humilhado de volta ao Recife.

O ano de 1640 foi marcado pelo fumo dos incêndios. As guerrilhas brasileiras, espalhadas por todo o território holandês, fizeram grande estrago nos engenhos controlados pelo adversário. Em represália, Nassau mandou sua frota devastar tudo o que fosse possível ao sul do São Francisco. Essa guerra suja perdurou até que o príncipe e o novo vice-rei do Brasil, o marquês de Montalvão, acertaram uma trégua com troca de reféns. Pouco depois, em fevereiro de 1641, chegava à Bahia a notícia da restauração da independência portuguesa.

De fato, no dia 1º de dezembro de 1640, iniciou-se, em Portugal, a revolta definitiva contra o domínio espanhol, a culminar com a coroação de um novo rei português, D. João IV. A rebelião foi coroada pelo êxito, mas vários anos de luta seriam necessários para consolidar a independência. Em vista disso, o novo governo português viu-se obrigado a buscar ajuda junto aos antigos adversários da Espanha, dentre os quais destacava-se a Holanda. Por seu lado, Holanda e França, satisfeitas com essa novidade, não tardaram em oferecer os seus préstimos. A Guerra

<sup>9</sup> Ao que parece, temia um desembarque na sua retaguarda.

dos Trinta Anos ainda estava no seu ápice e a restauração portuguesa representava mais uma frente na luta contra a Espanha.

Nassau, ao receber a notícia, certamente teve um pressentimento. Fingindo não saber da paz que se avizinhava, mandou suas forças ocuparem o Sergipe e São Luís do Maranhão. Enviou ainda uma frota com 1.200 homens, incluindo 300 índios brasileiros, para ocupar as colônias portuguesas na África Ocidental. Assim, quando em junho de 1641 Portugal e Holanda firmaram a paz,<sup>10</sup> essas terras ficaram sob o controle pacífico das "Províncias Unidas". Houve protesto de Portugal contra esse flagrante ato de má-fé, mas o reino não podia prescindir da ajuda dos holandeses, pois estes prometeram fornecer soldados e navios para a luta contra a Espanha.

Para as "Províncias Unidas", a paz veio em boa hora. Economicamente, a conquista do norte do Brasil não estava trazendo lucro aos investidores, devido à instabilidade no campo e os vultosos gastos militares. Mas o sucesso da empresa continuou ameaçado pela

bancarrota dos senhores de engenho, que contraíram, com os comerciantes do Recife e com a própria companhia, dívidas a juros altos. A execução dessas dívidas, além de contribuir para o enfraquecimento da economia, trouxe a ameaça de uma rebelião.

Nos anos que se seguiram à trégua com Portugal, o Brasil Holandês viveu permanentemente sob a ameaça de uma revolta dos seus súditos de origem portuguesa. Mesmo os escravos eram vistos com suspeita por serem católicos. Como forma de acalmar os primeiros, a Companhia renegociou suas dívidas diminuindo os juros e aumentando o prazo de pagamento. Mas, nem com esse remédio os boatos de rebelião se dissiparam, uma vez que os brasileiros tinham muitos outros motivos de insatisfação.

Em setembro de 1643, estourou, no Maranhão, o primeiro levante. A luta durou cinco meses sem que Recife tenha mostrado muito empenho em socorrer a guarnição. Em fevereiro do ano seguinte, a província foi definitivamente abandonada pelos holandeses. Este incidente, porém, não arruinou a trégua entre Portugal e as

"Províncias Unidas", uma vez que não houve nenhuma ingerência do governo de Lisboa.

Pouco após a perda do Maranhão, Maurício de Nassau embarcava de volta para a Holanda, em 22 de maio de 1644. O governo do Brasil Holandês ficou então entregue a um órgão colegiado, o Conselho Supremo.

O amor ao lucro é inimigo da prudência. Após a trégua entre Portugal e as "Províncias Unidas", a Companhia reduziu sensivelmente seus efetivos no Brasil, como forma de economizar recursos. Com a partida de Nassau, embora já fosse previsível uma rebelião, ficaram apenas 18 companhias para defender a colônia. Pelo mesmo motivo as fortificações deixaram de receber a devida manutenção. Crescia a indisciplina da tropa e as deserções. Paradoxalmente, o governo holandês no Brasil manteve-se sempre atento aos boatos de rebelião e aos movimentos das tropas portuguesas em Salvador e na fronteira sul. O envio de espiões era comum.

Em junho de 1645, os holandeses reuniram enfim evidências da iminência de uma rebelião comandada por João Fernandes Vieira.

<sup>10</sup> Na verdade, uma trégua de dez anos.

morador de Pernambuco. Ordem foi dada para sua captura, sem sucesso. Acreditava-se que os inconfidentes contavam com o apoio velado da Bahia. Diante desses fatos o Conselho tomou algumas precauções. As fortificações começaram a ser reparadas. Os habitantes do Recife receberam ordens de construir paliçadas ao redor de suas casas. No que tange aos suprimentos, os fortes foram providos com farinha requisitada junto à população. As famílias do Recife foram instruídas a fazer estoques de alimento.

Quanto às tropas holandesas em Pernambuco, vê-se que o Conselho esteve diante de um sério dilema. A princípio, parte da tropa ficou espalhada pelo interior, como forma de proteger as fontes de suprimento de gêneros, assim como impedir a adesão da população à revolta. Mas, com a repercussão de boatos, que alertavam para a infiltração de tropas portuguesas vindas da Bahia, além do temor plausível de que essas pequenas guarnições fossem facilmente dominadas pelos rebeldes, mudou-se a estratégia. No dia 14 de junho, foi dada ordem para que as companhias fossem concentradas sobre dois pon-

tos apenas, Recife e Serinhaém. Essa ordem, embora necessária, mostra-nos a fragilidade do domínio holandês no Brasil. Para melhor se defenderem, tiveram de abandonar boa parte do interior e ainda abrir mão do fornecimento regular de suprimentos. Essa decisão teria mais tarde outras sérias implicações. Significava abandonar seus aliados tapuias à própria sorte. Além disso, deixava a população do interior desinibida para apoiar a revolta.

Em uma última tentativa de evitar a eclosão da revolta, no dia 17 de junho, o Conselho proclamou uma anistia geral a excetuar apenas os cabeças.

Nas províncias do norte, Paraíba e Rio Grande, a situação ainda era de calma.

Antes que se cumprisse totalmente a ordem de concentração, iniciou-se, em meados de junho, a revolta na região de Ipojuca. Contra esse primeiro levante, partiu o tenente-coronel *Haus*, que em pouco tempo logrou ocupar a vila. Outros focos porém foram surgindo ao longo dos meses de junho e julho.

No dia 9 de julho, partiu rumo a Salvador uma delegação holandesa com vistas

a saber qual a posição do governo português diante da revolta em Pernambuco. A resposta que ouviram foi a de que Portugal só podia deplorar a conduta dos revoltosos e daqueles que, partindo da Bahia, os estavam apoiando. O governo português no Brasil declarou-se satisfeito com a trégua entre os dois países e garantiu não ter a intenção de quebrá-la.

As forças holandesas continuavam na defensiva, em virtude da escassez de efetivos e da grande quantidade de praças a serem defendidas. Sua única força ofensiva era a coluna comandada pelo coronel *Haus*, mais tarde reforçada pelos cerca de 300 voluntários e índios do capitão *Blaar*. Mas essa coluna, após a reconquista de Ipojuca, foi derrotada, ao atacar os rebeldes pernambucanos entrincheirados no Monte das Tabocas.

Pouco depois chegou ao Recife a notícia de que tropas portuguesas, vindas da Bahia e desembarcadas em Tamandaré, haviam marchado para o norte e capturado Serinhaém. Eram cerca de 1.800 soldados sob o comando de Soares Moreno e Vidal de Negreiros. Ainda assim, o governo português em Salva-

dor tentou sustentar sua inocência. Pagavam na mesma moeda a comédia da invasão de Sergipe e do Maranhão.

Embora numericamente inferior, a marinha holandesa ainda era capaz de grandes proezas. No dia 9 de setembro, *Lichthardt*, com apenas 9 navios, derrotou por completo os 14 navios portugueses ancorados em Tamandaré. Mas, neste momento, a causa holandesa já sofrera outro golpe mortal. O major *Hoogstraten*, comandante holandês do forte do Pontal (ou *Van Der Dussen*) no estratégico Cabo de São Agostinho, entregou a fortaleza aos portugueses em troca de dinheiro e de um posto no exército português. Seus soldados também foram recompensados e a maior parte entrou nas fileiras pernambucanas. Com mais essa derrota terrestre, as tropas que ainda estavam no sul, em Porto Calvo e na região do São Francisco, ficaram isoladas por terra e foram logo dominadas. Os navios enviados para recolhê-las chegaram tarde demais. Enquanto isso, a rebelião já alcançara o Rio Grande e a Paraíba, mas sem o mesmo sucesso.

Na região do Recife prosseguiram os esforços de de-

fesa. Várias casas que embaraçavam a função dos fortes foram demolidas assim como os jardins e estábulos da magnífica residência de Maurício de Nassau. Com o bloqueio terrestre imposto pelos portugueses, a cidade logo começou a sofrer com a falta de água. Após a sede veio a fome, e com ela a desordem civil e a indisciplina militar. Olinda, mais uma vez, foi abandonada.

Na Holanda, a Companhia das Índias Ocidentais vacilava em utilizar o pouco dinheiro que ainda lhe restava para reverter a crise no Brasil. A freqüente instabilidade da colônia fazia da região um investimento pouco lucrativo. Mas o governo das Províncias Unidas convenceu a empresa a enviar uma grande frota, em troca da ampliação de seus privilégios por mais quinze anos. Para auxiliar a formação da nova expedição, a República desmobilizou parte de seus soldados que foram então contratados pela *Westindische Compagnie*. Constituiu-se uma frota de 52 navios para transportar os mais de 2.000 soldados comandados por *Schkoppe*.

Essa frota, porém, só chegou ao Recife em meados de 1646, após seis me-

ses de uma viagem temperada por naufrágios, motins e incidentes diplomáticos. Sete navios naufragaram durante o trajeto. Os sobreviventes, exaustos e doentes, encontraram uma cidade praticamente perdida, dada à falta de suprimentos. Assim, os novos soldados que deveriam salvar a cidade, "em breve tornaram-se fracos, descarnados e pouco hábeis para o ofício militar". A rígida disciplina de *Schkoppe* não foi suficiente para diminuir a fome e a sede de seus homens.

O primeiro objetivo de *Schkoppe* era recuperar os arredores do Recife como meio de suprir a cidade de água potável e alimentos frescos. Porém os ataques diretos contra as linhas pernambucanas não tiveram sucesso. Decidiu então o comandante holandês se valer do poder naval. A primeira tentativa, em fins de outubro, foi na direção do rio São Francisco, de onde os sitiados recebiam gado para sua subsistência. Com o controle dessa região, esperava conseguir suprimentos para o Recife e, talvez, obligar os que se encontravam perto da cidade a correr em auxílio dos seus. Essa ação, portanto, foi um ataque de

diversão para enfraquecer os sitiante e possibilitar o rompimento do cerco. No entanto, após um sucesso inicial, o plano fracassou.

A ação seguinte foi mais promissora. *Schkoppe* partiu, embarcado, para o sul e ancorou seus navios, durante alguns dias, na região do São Francisco. Esse comportamento, de fato, atraiu muitas tropas pernambucanas e portuguesas, após o que a frota batava levantou âncoras e foi desembarcar de surpresa na ilha de Itaparica, próxima a Salvador. Desse ponto esperava organizar um bloqueio marítimo à Bahia, o que de fato fez com relativo êxito. Enquanto estiveram na ilha, as tropas holandesas foram orientadas a massacrar toda a população local. Mas a ameaça de uma nova esquadra portuguesa obrigou *Schkoppe* a abandonar Itaparica, em fins de 1647.

Em 1648, a Guerra dos Trinta Anos chegou ao fim. Em janeiro daquele ano, a Holanda assinou a paz com a Espanha. Para prevenir-se de uma improvável reconquista de Portugal pela Espanha, os holandeses conseguiram incluir no tratado uma cláusula pela qual a Espanha abria mão dos ter-

ritórios brasileiros ocupados pela Companhia. O mais importante para os Estados Gerais era a perspectiva de, com o fim da guerra europeia, ter as mãos livres contra o Brasil.

*Schkoppe* estava insatisfeito com a tropa. Eram muitos os doentes. Os mercenários não eram pagos regularmente, a munição não se ajustava bem às armas e estas, por sua vez, não eram sempre de boa qualidade. As deserções cresciam. Moreau, testemunha ocular desses fatos, conta-nos que, em Recife, "cada vez que a guarda era rendida, verificava-se que alguns tinham escapado". Os fugitivos eram estimulados pelo tratamento oferecido pelos brasileiros que permitiam o retorno dos desertores à Europa.

O poder civil em Recife estava então bastante dividido, por disputas internas, reflexo das rivalidades entre os estados que compunham as Províncias Unidas. As linhas brasileiras estavam tão próximas da cidade que a sobrinha do almirante *Lichthardt* foi morta por uma bala de canhão "quando se encontrava num quarto alto, onde fazia tapeçaria". Diante de tantos problemas, o comando holandês concluiu não ser

mais possível esperar. Assim, com a chegada de reforços e suprimentos, em março de 1648, o Supremo Conselho determinou uma ofensiva terrestre, com a finalidade de hostilizar os sitiante e cortar suas comunicações com a Bahia. Era também desejo de *Schkoppe* recuperar o forte do Cabo, como base para uma futura expansão. Afinal, no dia 18 de abril, uma força de 4.500 homens e cinco peças de artilharia saiu de Recife rumo ao sul.

O avanço holandês foi porém muito lento e cauteloso, permitindo aos brasileiros reunir suas forças e ficar em condições de travar o combate em posição favorável. O local escolhido por estes foi o estreito passo entre os montes Guararapes e o terreno alagado junto ao litoral.

As duas forças se encontraram no dia 19. Nesta, que foi a primeira batalha dos Guararapes, os holandeses foram derrotados, embora tivessem franca superioridade numérica. A Companhia reconheceu a perda de 515 mortos ou capturados, além de 523 feridos. As baixas brasileiras teriam sido em número inferior a 50.

Além do vigor das tropas brasileiras, um dos motivos

deste grande fracasso parece ter sido o desânimo dos mercenários a serviço da Companhia. Os relatórios de Schkoppe e do coronel Van den Branden fazem várias referências à desordem da tropa durante o combate.

Contribuiu, igualmente, para o insucesso a ausência de um comando seguro do lado holandês, uma vez que Schkoppe foi seriamente ferido, logo no início da peleja.

Esse fracasso repetiu-se no ano seguinte, na segunda batalha dos Guararapes, onde os holandeses sofreram 1.043 baixas. Sobre essa batalha o relatório do conselheiro van Goch nos permite compreender o problema tático enfrentado pelos holandeses no Brasil. "Em 1ª lu-

gar — escreveu o conselheiro — as tropas do inimigo saindo do mato (...) atacavam sem ordem e em completa dispersão e aplicavam-se a romper diferentes quadrados. Em 2º lugar, as tropas do inimigo são ligeiras e ágeis de natureza, para correrem para diante ou se afastarem, e por causa de sua crueldade inata são também temíveis (...). Nós, pelo contrário, combatemos em batalhões formados como se usa na mãe pátria, e nossos homens indolentes e fracos, nada afeitos à constituição do país; (...). Além disto, as (nossas) peças de artilharia de campanha, não podendo ser apontadas sobre bandos ou grupos dispersos, tornam-se inteiramente inúteis, ou para melhor dizer,

transformaram-se em verdadeiras charruas para o nosso exército, sem contar uma multidão de outros inconvenientes."

Apesar dessas duas grandes derrotas holandesas, que retiraram do invasor todo ânimo ofensivo, a guerra ainda de arrastaria por mais alguns anos até a rendição final, em 26 de janeiro de 1654.

De tudo o que foi visto, volto a lembrar a bravura daqueles primeiros brasileiros e tomo como minhas as palavras do historiador português Carlos Selvagem que, sobre a matéria, concluiu — "quase desajudado da metrópole, que mal podia defender as próprias fronteiras, o Brasil defendera-se e reconstituíra-se por si só".

## BIBLIOGRAFIA

- NIEUHOF, Joan — Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil, Livraria Itatiaia.
- SELVAGEM, Carlos — Portugal militar, Imprensa Nacional (Portugal).
- SOUZA JUNIOR, Antonio, Major — Do Recôncavo aos Guararapes, Biblioteca Militar.
- COELHO, Duarte de Albuquerque — Memórias Diárias da Guerra do Brasil, Fundação de Cultura Cidade de Recife.
- MOREAU, Pierre — História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses, Livraria Itatiaia.
- BARLÉU, Gaspar — História dos Feitos Recentes Praticados Durante Oito Anos no Brasil, Livraria Itatiaia.
- NEME, Mário — Fórmulas Políticas do Brasil Holandês, Editora Universidade de São Paulo.
- DELBRUCK, Hans — The Dawn of Modern Warfare, University of Nebraska Press.
- VARNHAGEN, F. — Os Holandeses no Brasil, Livraria Progresso Editora.
- PARKER, Geoffrey — The Thirty Year's War, Ed. Routledge.
- Documentos Holandeses, Vol. I, MEC.
- Cristóforo Arciszewsky, Stanislau Fichlowitz, MEC.